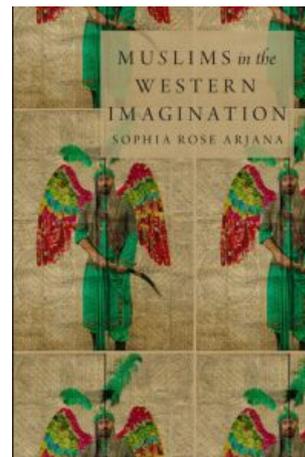


RESENHA

ARJANA, Sophia Rose. *Muslims in the western imagination*.
New York: Oxford University Press, 2015, 261 p.



Muçulmanos na imaginação ocidental

FELIPE FREITAS DE SOUZA*

A premissa do livro de Sophie Rose Arjana, *Muslims in the western imagination* (“Muçulmanos na imaginação ocidental”) é de que as representações dos muçulmanos e do Islam foram construídas em múltiplos campos de produção cultural ao longo da História. Enquanto síntese desse conjunto de representações, a pesquisadora investiga o “monstro muçulmano”, explorando uma variedade de produções utilizando principalmente elementos da Literatura e do Cinema. De *Drácula* a *Frankenstein*, dos filmes da saga *Star Wars* passando pelo filme *300* e os filmes de apocalipse zumbi, a autora reflete sobre como a ideia de uma monstruosidade muçulmana é difundida nos meios culturais.

Os muçulmanos que são demonizados hoje tiveram antecessores; é possível afirmar que o livro traz uma história da vilificação sobre os muçulmanos. Em comum, as representações apresentam uma “licença bélica” sobre o corpo dos muçulmanos. Contra eles são constantemente reforçadas ações violentas pela identificação dos muçulmanos como Outro passível de punição. Os corpos então sofrem os efeitos, justificados no âmbito representacional, que o poder objetiva.

Nas palavras da autora, a preocupação não é exatamente com a islamofobia,

mas com imaginário Ocidental sobre o Islam que pressupõe que muçulmanos são inimigos bárbaros que devem ser combatidos e destruídos. Munindo-se da categoria de biopoder (Foucault) e *habitus* (Bourdieu), o estudo é conduzido sobre o monstro muçulmano enquanto representação manifesta em uma miríade de formas. Todavia, tais representações não são estáticas, existindo transformações históricas que justificam, a cada período, a violência que pode ser realizada contra muçulmanos. Assim como o monstro se transforma, o muçulmano “monstrificado” encontraria, a cada período, novos modos de ameaçar os “povos civilizados”. A autora define seu estudo como uma teratologia do Islam: esse Outro, muçulmano, seria o exemplo do que não ser, um contra exemplo do que seria o “verdadeiramente humano”. Desumanizados, os muçulmanos poderiam ser exterminados. Se “nós” nunca somos violentos, os “outros” o seriam.

O capítulo *O monstro muçulmano* traz apontamentos sobre as representações acerca do *Homo islamicus* e da mente muçulmana – ficções que servem como justificativa retórica da superioridade Ocidental. Supostamente incapazes de se pronunciarem por si mesmos,

necessitam do Ocidental por não serem indivíduos, mas sujeitos. Em alguns momentos, são sujeitos ligados aos grupos tidos como desviantes, como judeus, leprosos, miseráveis e loucos – Carlo Guinzburg relaciona tais elementos em *História noturna*. Os muçulmanos seriam homens violentos hiper-masculinizados, existindo um suposto impulso islâmico inato, em combinação com fatores raciais, étnicos e religiosos, e que incorporariam neles a “fúria islâmica”. O aspecto sexual, frustrado ou perverso, também se atribui a tais homens.

O capítulo *Monstros muçulmanos medievais* aborda desde o início do Islam, quando surge o monstro muçulmano no imaginário cristão, à Renascença quando, no século XV, os turcos também passaram a ser monstruosos – coincidentemente, quando se tornaram uma potência mundial. Nesse período, seria fundada a retórica anti-muçulmana, retratando-os como monstros externos ao mundo civilizado, vivendo para além do mundo conhecido como antíteses obscuras da luminosidade cristã. Aliás, tal monstro deixaria de o ser quando se convertia ao cristianismo: havia lendas de que o muçulmano voltaria a ser humano no ato de sua conversão. As igrejas seriam as principais fornecedoras dessa *doxa* sobre o Outro, sendo que tal *doxa* teria repercussão em outros espaços sociais. A autora aponta que as noções medievais de alteridade continuam a influenciar como se apreende o Islam e seus seguidores na contemporaneidade; destacamos tal afirmação como uma das mais importantes do livro. Constatar que a intolerância com e a incompreensão do Islam se relacionam tão intimamente desde os primórdios dos contatos culturais entre os países europeus e o mundo muçulmano é apontar uma lacuna da compreensão

humana que um Ocidente, “tão esclarecido”, mantém ao longo dos séculos. Desde o medievo, imaginar como o Outro é, mais do que conhecê-lo, foi elevado ao patamar de forma de conhecimento: o resultado disso é o incentivo da islamofobia por meio de quimeras.

Já no capítulo *Monstros turcos*, investiga-se e emergência dos turcos no cenário mundial e a construção da sinonímia entre os termos árabe, muçulmano, mouro, sarraceno e islâmico: apesar de alguns sentidos dessas palavras confluírem, a polissemia de cada termo não pode ser reduzido a este ou àquele significado. A perseguição dos marginais (e não só dos muçulmanos) se dava contra todos os que não eram europeus e enquadrar o indivíduo na categoria de estrangeiro também significava desumanizá-lo.

No capítulo *Os monstros do orientalismo*, temos a crítica à produção, nos últimos séculos, dos intelectuais europeus acerca dos muçulmanos. Tem-se o orientalismo romântico em sua determinação ambiental: vivem no deserto, por isso são desse jeito. Os estudos sobre orientalismo e sobre as mulheres muçulmanas indicam que são seres oprimidos, o que reforça o aspecto maligno dos homens e a necessidade de libertação que somente o branco europeu poderia engendrar. O homem branco viria para salvar a muçulmana e recuperá-la, redimindo-a da submissão. Os monstros desse orientalismo não são mais como os monstros anteriores, inumanos com garras, presas e demais características do antropozoomorfismo; seriam moralmente corrompidos, intelectualmente perversos, culturalmente inferiores. Nesse período, surge o pavor da “colonização reversa” com o medo da tomada das terras

européias pelos muçulmanos: seja pela presença física, seja pela “contaminação” dos “verdadeiramente humanos”.

O capítulo *Monstros Muçulmanos nas Américas* surpreende ao trazer indicativos de que os nativos das Américas foram, por alguns colonizadores, identificados com os muçulmanos. Seriam os Novos Mouros a serem dominados e instruídos. Assim como o capítulo anterior, também não seriam monstros no sentido medieval do termo, mas seres inferiores, alvos de ações civilizatórias. Aprofunda-se neste capítulo a abordagem sobre as produções cinematográficas, dado a proliferação da indústria audiovisual nos Estados Unidos.

No capítulo *Os monstros do 11 de setembro*, compreende-se que a punição coletiva no corpo dos muçulmanos após o 11/09 é acompanhada da proliferação de filmes pós-apocalípticos. Também relaciona o muçulmano aos demais temas da indústria cultural cinematográfica, como os filmes de catástrofe, de apocalipse zumbi ou de atentados terroristas. Aborda os muçulmanos enquanto pós-humanos: as fotos produzidas em Abu Ghraib são reflexos da desumanização que, no âmbito das representações, se

materializam enquanto práticas de tortura e abuso sexual. A violência contra o muçulmano é então um modo de vingança, de lidar devidamente com alguém que não é humano, mas um monstro a ser corrigido. Nas palavras de um dos torturadores, eram menos do que cães.

Pode-se afirmar que as imagens sobre os muçulmanos interferem tanto sobre a realidade que não consideramos mais o que são, mas como esperamos que sejam. O desconhecimento do Islam contribui terminantemente para a propagação da violência simbólica contra muçulmanos. O livro que abordamos denuncia essa prepotência ocidental europeia em colocar-se como o diapasão de acordo com o qual o restante da Humanidade haveria de se afinar. Os muçulmanos seriam então os inimigos naturais desse Ocidente: nada mais distante da realidade. Hibridizações, trocas e traduções culturais são a tônica das relações humanas – muito mais do que a mera oposição esquizomorfa que esse imaginário europeu, frente aos muçulmanos, indica.

Recebido em 2016-04-10

Publicado em 2016-06-15

* **FELIPE FREITAS DE SOUZA** é Mestre em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais; aluno no Instituto Latino Americano de Estudos Islâmicos.